

— tal qual aconteceu com os desenhos de Debret e Rugendas<sup>(141)</sup>. E Herman Lima definiu precisamente o alcance dessa obra assim: “Toda a vida do país se refletia desse modo, semanalmente, nas páginas da revista, desde as incursões da febre amarela aos festejos de carnaval, com os seus préstitos minuciosamente reproduzidos em centenas de figurinhas caricatas; as eleições tumultuosamente prenunciadas e fraudulentamente realizadas sob o signo do porrete, da navalha e do punhal; derrames de notas falsas e brigas de jornais; a questão religiosa, desde os seus pródomos ao desenlace, em *charges* duma brutalidade tantas vezes contundente; o Imperador, no seu perfil da castanha de caju, ora adormecido nas sessões do Instituto Histórico, ora de saíote de Joaquina, aos pinotes com Lafaiete, no seu cavaleiro de pau, ora nas falas do trono que o punham de catrâmbias, com manto, cetro e coroa — isso tudo num desenho harmonioso, a que se junta preciosa galeria iconográfica dos próceres da hora, nas letras, nas artes, na política, retratos e alegorias das mais belas que já tivemos até hoje<sup>(142)</sup>. Em outro trecho: “Não houve, no passado da imprensa brasileira, publicação de mais nítida posição nem de mais alta expressão documental duma época de nossa história, ao ponto de se constituir inegavelmente das fontes mais seguras e ponderáveis para o seu conhecimento e análise<sup>(143)</sup>”.

A 21 de dezembro de 1889, com a República ainda no início de seu trabalho de reorganização do país, a *Revista Ilustrada*, anunciando a viagem de Agostini à Europa, proclamava com orgulho o triunfo diante da opinião brasileira: “A circulação da *Revista*, graças a esses elementos, aumenta sempre”, informava, com dados sobre a tiragem e a distribuição. Podia indicar, pois, os rumos a que obedeceria: “O seu programa de ontem era entreter os seus leitores e trabalhar pela conquista de todas as liberdades; o de hoje é fornecer leitura amena e trabalhar pela consolidação e pela grandeza dos Estados Unidos do Brasil, popularizando os fatos mais dignos de menção do governo e do povo, dando retratos e biografias dos homens mais notáveis da nossa era”. Agostini só regressou ao Brasil em 1895, para retomar suas atividades artísticas. Precursor aqui das histórias em quadrinhos, desde 1884, na *Revista Ilustrada*, com as “Aventuras de Zé Caipora”, passou à *Gazeta de Notícias*, em 1904, quando deixou de circular o semanário que tanto deliciava o público brasileiro, em 1891. Agostini fundou o *Dom Quixote*, em 1898, e cooperou no lançamento de

(141) Monteiro Lobato: op. cit., pág. 157.

(142) Herman Lima: op. cit., pág. 120, I.

(143) Herman Lima: op. cit., pág. 120, I.